

## CRISE ALIMENTAR MUNDIAL

Professora PDE-2008: **Geni Maria Donassolo Carraro**

Orientadora: **Prof. Ms. Maria José Castelano**



“O mundo não pode ser transformado de maneira efetiva se não for entendido”

Fernando Feniman: estudante

O mundo atual vive uma grande crise, uma crise do capitalismo. Ninguém melhor do que Marx em seu tempo percebeu e analisou o desenvolvimento do capitalismo em escala mundial. Para ele o modo de produção capitalista levaria o mundo a uma economia globalizada e este processo geraria conflitos violentos, crises econômicas e injustiça social de ordem generalizada (MUSTO, 30 set. 2008).

O jornalista Marcelo Musto afirma que: “Na última década, vimos a crise financeira do leste asiático, que começou no verão de 1997; a crise econômica Argentina de 1999-2002 e, sobretudo, a crise dos empréstimos hipotecários que começou nos Estados Unidos em 2006 e agora tornou-se a maior crise financeira do pós-guerra” ( 30 set. 2008).

Tais informações vêm ao encontro do que queremos afirmar, as crises do capitalismo são inerentes ao sistema e demonstram suas contradições.

Segundo Hobsbawm, a atual crise financeira mundial, demonstra de forma dramática o fracasso do livre mercado global, descontrolado e, pode transformar-se em depressão econômica nos Estados Unidos, obrigando governos, inclusive o norte americano a escolher ações públicas esquecidas desde os anos trinta – intervenção estatal (MUSTO, 30 set. 2008).

István Mészáros previa uma grande crise do capitalismo, desde os anos 80, e afirma que essa crise é estrutural e não há soluções visíveis “[...] porque a crise estrutural do sistema do capital como um todo, a qual estamos a experimentar na nossa época, numa escala de era, está destinada a ficar consideravelmente pior. Ela tornar-se-á, na devida altura, muito mais profunda, no sentido de invadir não apenas o mundo das finanças globais mais ou menos parasitárias como todos os domínios da nossa vida social, econômica e cultural” (MÉSZAROS, 22 out. 2008).

As conseqüências da crise atingem principalmente a classe trabalhadora, com crescimento do desemprego numa escala assustadora, e a miséria humana a ele associada. Além do desemprego, essa crise financeira, que iniciou nos EUA, com a crise imobiliária, gerou uma grande crise alimentar a partir da especulação financeira nas bolsas de commodities de alimentos, inflacionando os preços dos alimentos em todo o mundo, neste sentido, expressa Mészáros em forma de questionamento ao sistema: “Pode alguém pensar numa maior acusação ao sistema de produção econômica e reprodução social pretensamente inultrapassável do que esta de que – no máximo de seu poder destrutivo – está a produzir uma crise alimentar global, e o sofrimento dos incontáveis milhões inseparáveis disto por todo o mundo?” (22 out. 2008 p 4).

Assim, é nesse contexto que analisaremos as causas da crise alimentar apontadas pela imprensa. Percebemos a necessidade de uma análise crítica da mesma em perceber os limites do capitalismo, num mundo contraditório onde temos superprodução de mercadorias, enquanto milhões de pessoas estão na pobreza, com insuficiência ou sem renda para ter acesso aos produtos alimentícios. Os limites históricos do capitalismo estão contidos nas relações de produção baseadas na propriedade privada dos meios de produção e na valorização do capital. Marx recorda que, no sistema capitalista, “[...] a produção é uma produção para o capital”. Portanto, a produção não é

para a maioria da sociedade, mas para a valorização e acumulação do capital, sendo que “[...] a conservação e a valorização do capital – valor repousam sobre a expropriação e o empobrecimento dos produtores” (MARX , citado por Chesnais 2008, p.1 ).

Diante dessa realidade, nos propomos discutir a crise alimentar que se instaurou desde 2007, analisando as explicações apontadas pela imprensa para o problema e os protestos sociais ocorridos em vários países premidos pela carístia e escassez de alimentos.

Analisaremos também a repercussão da crise alimentar global no Brasil e as ações dos movimentos sociais, sobretudo do Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra – MST de protesto contra a alta dos preços dos alimentos.

As fontes utilizadas para a produção dos textos de subsídios para o professor, são matérias veiculadas na imprensa no ano de 2008. Este tema faz parte da História imediata, o nosso desafio consiste na análise desses documentos, já que normalmente apresentam os fatos como inevitáveis, retirado de seu processo histórico, de seu contexto mais amplo. Nosso objetivo consiste também em contribuir metodologicamente para tornar compreensível o emaranhado de informações que é despejado pela mídia, ou seja, reinserir os eventos noticiados no seu processo histórico.

O jornal se tornou um instrumento importante de formação de opinião pública, junto com outras mídias, potencializadas pelas novas tecnologias, como a internet. A pesquisa em artigos de jornais auxiliará a pesquisa histórica e, principalmente, servirá de instrumento de auxílio na didática escolar.

A partir dos estudos da Escola dos Annales, o uso de jornais como fonte tem sido aceito pela historiografia e, atualmente, é reconhecido como fundamental instrumento de formação de opinião pública e de forjamento de imaginários sociais. O jornal é, sem duvida, uma fonte importante para o estudo da história. “Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado [e do presente], a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos” (Capelato,1988, p.13). Aqui, não cabe mais a discussão da questão da fonte-jornal ser verdadeira ou falsa, ela é representação do real. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. Ou seja, de uma ideologia. A produção desse documento

pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. Entendemos que o historiador pode e deve pensar o tempo presente. Neste sentido, concordamos com Gramsci (1995) quando afirma que a concepção de mundo responde a determinados problemas colocados pela realidade, que são bem determinados e 'originais' em sua atualidade. (GRAMSCI, 1995, p.13).

Após o texto de orientação, apresentamos também sugestões de atividades para o professor trabalhar em sala de aula, para que os alunos tenham elementos para analisar os acontecimentos de forma crítica.

### **As transformações na agricultura no Pós Segunda Guerra Mundial**

No século XX, as regiões mais desenvolvidas do mundo, viviam momentos de constantes mudanças, principalmente devido à transformação tecnológica. Às vésperas da Segunda Guerra mundial, os países europeus industrializados tinham entre 20 e 40% da população trabalhando na agricultura, já no início da década de 1980, a maioria dos países europeus tinham menos de 10% da sua população na atividade agrícola. Na interpretação de Hobsbawn "A mudança social mais impressionante e de mais longo alcance da segunda metade do século, e que nos isola para sempre do passado, é a morte do campesinato"( 1995, p 284).

No Japão, a população camponesa foi reduzida de 52,4%, em 1947 à 9%, em 1985. Esses números são impressionantes. A previsão de Marx de que a industrialização eliminaria o campesinato estava se concretizando em países de rápida industrialização (HOBSBAWM, 1995, p. 285).

Esse fenômeno atingiu também regiões menos industrializadas, como é o caso da América Latina – onde, até o fim da Segunda Guerra Mundial, os camponeses formavam a metade, ou a maioria da população – esta população foi reduzida drasticamente na década de 1980. A situação era semelhante nos países do Islã e Leste Europeu.

Ao mesmo tempo em que os países industriais desenvolvidos reduzem a sua população agrícola a uma pequena porcentagem, também se transformam em grandes produtores agrícolas para o mercado mundial.

Isso foi possível graças a uma extraordinária explosão de produtividade per capita, de capital intensivo, promovida pelos agricultores. O aspecto imediato

mais visível foi a expressiva quantidade de maquinário que o agricultor em seus países ricos e desenvolvidos tinha agora à sua disposição (HOBBSAWM , 1995, p.287)

Além das máquinas desenvolvidas para a agricultura, como tratores, colheitadeiras e inúmeros implementos agrícolas, a química agrícola desenvolveu diversos adubos e fertilizantes, além do processo de seleção de mudas e sementes. A agricultura já não precisava mais do mesmo número de trabalhadores que antes utilizava, a tecnologia os substituiu de forma eficiente, promovendo o aumento da produtividade e garantindo alimento para a população urbana.

Nas regiões mais pobres do mundo, a modernização agrícola aconteceu através da chamada “Revolução Verde”. Pesquisadores de países industrializados, principalmente Estados Unidos, prometiam através de um conjunto de técnicas, aumentar estrondosamente a produtividade agrícola nos países em desenvolvimento, acreditava-se que aumentando a produção de alimentos resolver-se-ia o problema da fome no mundo. A Revolução Verde se baseia na utilização de sementes melhoradas, uso de adubos, fertilizantes e agrotóxicos e no uso intensivo de máquinas e implementos agrícolas.

A introdução dessas técnicas em países menos desenvolvidos provocou um aumento brutal na produção agrícola, mas também, o êxodo rural em grandes proporções. No Brasil, a Revolução Verde chegou na década de 1970, através da disseminação de tecnologias que permitiram ao país viver um surto de desenvolvimento, com aumento da fronteira agrícola e a ampliação de culturas como soja, milho e algodão. A produtividade agrícola atingiu recordes de produção e exportação.

Nessa época, os governos militares facilitaram o acesso à terra aos que tinham interesse de desenvolver a grande propriedade capitalista através de incentivos financeiros (crédito subsidiado), estes passaram a se ocupar da agropecuária e da agricultura de exportação. Principalmente através de projetos em todos os estados do Norte, além de Mato Grosso, Tocantins e parte do Maranhão. Os pequenos proprietários de terra enfrentaram muitas dificuldades, já que não encontraram apoio por parte do governo que privilegiava as grandes propriedades. Impossibilitados de reproduzir a

agricultura familiar, muitos venderam ou perderam suas propriedades, intensificando a concentração de terras no país, e a expropriação dos pequenos produtores rurais.

Ao mesmo tempo, a mecanização da agricultura através do uso de máquinas e implementos, liberou um enorme contingente de trabalhadores rurais com a diminuição do trabalho braçal. A partir dos anos 70 as máquinas agrícolas passaram por um grande processo de desenvolvimento tecnológico produzindo máquinas consideradas “inteligentes”, que são controladas por programação eletrônica e transmissão via satélite. Por um lado, a alta tecnologia exige trabalhadores especializados e, por outro, extingue numerosas vagas de trabalho. Segundo Balsani: “Na cultura do algodão, uma colhedora substitui o trabalho de 80 a 150 pessoas; no café, uma colhedora automotriz pode eliminar o trabalho de cem a 120 pessoas; da mesma forma, na cultura do feijão, uma colhedora pode substituir o trabalho de cem a 120 pessoas”(BALSADI, 2002 p. 23-24).

Atualmente, a possibilidade de trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar serem substituídos por máquinas premem-os a realizarem uma jornada de trabalho exorbitante, num ritmo intenso de trabalho tal que tem provocado a morte de vários trabalhadores por fadiga.

A sociedade brasileira sofreu profundas mudanças a partir de 1970. O agravamento do êxodo rural inverteu a polaridade cidade-campo, consolidando a explosão urbana. Nos últimos 30 anos, essa mudança teve como fator mais preponderante a concentração da propriedade da terra. As propriedades com menos de 10 hectares representavam 53% do total dos estabelecimentos rurais, e ocupam menos de 3% da área total. Por outro lado, os estabelecimentos com área superior a 1000 hectares, estão na posse de 1% dos proprietários de terras no Brasil (LAUREANO, 2007, p.130-132)

Em conseqüência desse processo de “acumulação primitiva do capital” no campo, trabalhadores rurais, meeiros, parceiros e pequenos proprietários foram expulsos para os grandes centros urbanos. Muitos passaram a vagar e a se aglomerar nas beiras de estradas formando verdadeiras cidades sob lonas pretas, no final do século XX, provocando graves conflitos sociais, com a morte de muitos trabalhadores rurais nas últimas décadas. O processo de exclusão no campo justifica a formação de diversos movimentos sociais rurais, que

adotam como bandeira a reforma agrária, dentre esses movimentos temos o MST.

No item III, apresentamos a situação da fome do mundo, que se agravou a partir da crise alimentar mundial, iniciada em 2007.

### **A crise alimentar mundial provoca protestos populares – 2007/2008**

A fome não é um problema novo para a humanidade. Porém, a atual crise do capitalismo levou o mundo a uma grande crise alimentar e a fome é uma realidade ainda em pleno século XXI. De acordo com dados da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação), o número de pessoas que passam fome aumentou em todo o mundo, passando de 850 milhões para 925 milhões em 2007. <sup>1</sup>

Esse aumento do número de famintos deve-se à alta dos preços dos alimentos no mercado mundial. Nos dois últimos anos, o preço do arroz aumentou 217% , do trigo 136%, do milho 125% e da soja 107%. Em média, os preços dos alimentos aumentaram de 60 a 80%. Para as pessoas que vivem no limiar da miséria, isso significa fome ( FAO, 2008). <sup>2</sup>

Essa alta dos preços dos alimentos preocupa a todos, atinge inclusive a população pobre nos países desenvolvidos, mas a preocupação maior concentra-se nos países pobres, onde os alimentos são responsáveis por mais da metade das despesas das famílias. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), uma família dedica aproximadamente 15% de sua renda à comida nos países ricos, mas essa proporção pode chegar a 60, 70% e até 75% do orçamento familiar nos países em desenvolvimento (VEJA, 2008).<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Outro órgão da ONU, o Programa Alimentar Mundial (PAM), divulgou que 10 milhões de pessoas morrem a cada ano por causa da fome, isso representa mais de 25.000 mortes por dia no mundo. O órgão estima que a maioria dessas pessoas viva em áreas rurais, principalmente na África e Ásia. Outra questão alarmante é a fome na infância, dados da FAO indicam que a cada cinco segundos uma criança morre de fome no mundo (Veja, 2008).

<sup>2</sup> “A rápida e simultânea subida de preços de todos os alimentos básicos – milho, trigo, soja, arroz e óleos alimentares – juntamente com muitos outros, tem sido um efeito devastador numa parte da humanidade cada vez maior. As subidas de preços no mercado mundial nos últimos anos não são de admirar. Os preços de sessenta produtos agrícolas comercializados no mercado mundial aumentaram 37% no ano passado e 145 em 2006. Os preços do milho começaram a subir no princípio do outono de 2006 e em poucos meses aumentaram 70%. Os preços do trigo e da soja também entraram em espiral na mesma altura [...]. Os preços dos óleos alimentares (fabricados principalmente a partir da soja e do óleo de palma) – um produto essencial em muitos países pobres – também dispararam. Os preços do arroz também aumentaram mais de 100 por cento no ano passado” ( MAGDOF, mai. 2008 p 3).

<sup>3</sup> Uma pesquisa encomendada pela BBC indica que 60% da população em 26 países, onde a pesquisa foi realizada estão sentindo muito os efeitos da alta dos preços dos alimentos e 43% se viram obrigados a mudar seus hábitos alimentares. A pesquisa ouviu 27.319 pessoas em países ricos e pobres e revelou que 70% das pessoas em todo o mundo estão insatisfeitas

Embora o Haiti seja um país muito pobre, onde 80% da população tenta sobreviver com menos do que dois dólares por dia, a atual crise alimentar tem levado as pessoas a buscar alternativas para mascarar ou aliviar os sintomas da fome. Em seu artigo Fred Magdof relata:

Era a hora do almoço num dos piores barracos do Haiti, e Charlene Dumas estava a comer lodo. Com os preços dos alimentos a subir, os haitianos mais pobres não têm com que pagar um prato de arroz diário, e alguns deles adotam medidas desesperadas para encherem a barriga. Charlene, de 16 anos, com um filho de um mês, acabou por se entregar a um tradicional remédio haitiano contra as dores da fome: biscoitos feitos com o lodo seco amarelo do planalto central do país (2008. p.7).

A carestia dos alimentos ou a falta deles gerou protestos e conflitos em vários países, Josette Sheeran, chefe do Programa Alimentar Mundial da ONU, declarou, em fevereiro de 2008, que: “Este é o rosto da fome...Há comida nas prateleiras mas as pessoas não têm com que pagar o preço do mercado. Existe uma vulnerabilidade nas áreas urbanas que nunca tínhamos visto antes. Há motins por causa de alimentos em países onde nunca tinha acontecido tal coisa anteriormente” <sup>4</sup>(MAGDOF, 2008. p. 6)

Em 2008, mais de trinta países, localizados na África, Ásia e América latina, testemunharam violentos protestos sociais motivados pela insatisfação dos que não têm o que comer. Na Somália, a polícia dispersou multidões famintas a tiros. Na Indonésia, onde metade da população vive na pobreza, cada aumento no preço dos alimentos joga milhões na miséria absoluta. No Haiti, país mais pobre da América Latina, a violência dos protestos deixou cinco mortos e sessenta feridos. No México, protestos contra aumento do preço das tortillas<sup>5</sup> assustaram as autoridades. Houve revoltas populares contra a fome, também no Zimbábue, Mauritânia, Camarões, Costa do Marfim, Burkina-Faso, Senegal, Coreia do Norte, Argentina e Egito onde quatro pessoas morreram em conflitos gerados pela falta de pão (WENTZEL, 2008 p. 06).

A resposta à crise alimentar apareceu sob a forma de manifestações e de alterações nas políticas governamentais de alguns países. A China, por exemplo, passou a controlar os preços dos alimentos básicos, enquanto a

---

com as políticas de governo adotadas em seus países para controlar a alta dos preços dos alimentos e torna-los mais acessíveis ( FOLHAONLINE, 16 out. 08 acesso em 13 nov. 08).

<sup>4</sup>Segurança Alimentar: garantia ao acesso físico e econômico regular e permanente a uma alimentação que seja suficiente, segura, nutritiva de modo a propiciar vida ativa e saudável.

<sup>5</sup>Tortillas: panqueca feita de farinha de milho, que consiste na base do cardápio mexicano.

Rússia, congelou por seis meses o preço do pão, leite, ovos e do óleo alimentar. O Egito, a Índia e o Vietnã, diante do risco de desabastecimento, passaram a exercer controle rigoroso sobre a exportação de arroz e, muitos países baixaram as tarifas protecionistas com objetivo de reduzirem o impacto dos preços altos dos alimentos importados (MAGDOF, 2008 p. 6).

O que está por trás da atual crise mundial de alimentos? Se o mundo está mais rico e produzindo mais comida, porque existe cerca de um bilhão de pessoas passando fome hoje? Como explicar essa contradição? No próximo item apresentamos, a partir da análise de diversos artigos e reportagens, os principais fatores responsáveis pela alta dos preços dos alimentos que levou à crise alimentar mundial, divulgados na imprensa.

### **Os fatores atribuídos pela imprensa ao aumento dos preços dos alimentos**

Sabemos que vários fatores, inclusive climáticos, como tormentas e inundações podem interferir no resultado da produção de alimentos. Quais os fatores atribuídos pela imprensa à atual crise alimentar?

- O Aumento do consumo mundial, principalmente em países emergentes como China e Índia. Esse aumento vem acompanhado da mudança no padrão de consumo, as pessoas procuram mais carne, laticínios, ovos. Em 20 anos o consumo de carne por pessoa na China subiu de 20 para 50 kg por ano. Para cada quilo de alimento animal implica em 7 a 10 quilos de alimento vegetal na forma de rações, dessa forma, a demanda por grãos cresce.
- O deslocamento de pessoas do campo para as cidades (êxodo rural), significa menos trabalhadores disponíveis para a agricultura. Na China estima-se que nos últimos 30 anos, 10% da população abandonaram vilarejos e foram em busca de emprego nas cidades. O impacto é muito intenso porque a cultura do arroz, alimento indispensável no prato de metade da população do planeta, ocorre em pequenas propriedades familiares. Isso quer dizer que muitos arrozais deixaram de existir quando as famílias migram para as cidades.

- Quebras de safra em grandes países produtores de alimentos. Por exemplo, na Austrália, nas safras de 2006 e 2007, houve grandes perdas por fatores climáticos como secas e inundações. As mudanças vêm afetando regiões agrícolas de todo o mundo, muitos especialistas associam essas ocorrências ao aquecimento global.
- O aumento dos preços do petróleo elevou os custos da produção agrícola. A agricultura moderna utiliza intensamente tratores, máquinas, caminhões para transporte e fertilizantes que dependem do petróleo.
- A utilização de bens alimentares para produzir biocombustíveis, como a soja no Brasil, a beterraba e a canola na Europa e, principalmente, o milho nos Estados Unidos, onde se gasta 10% da produção mundial desse grão para obter etanol.
- O baixo nível de estoques mundiais, principalmente de trigo, milho, arroz e soja, apesar de a produção mundial ter crescido 4% na safra de 2006/07. É o nível mais baixo em 30 anos.
- Nos países em desenvolvimento, os investimentos por parte do estado na agricultura são insuficientes.
- Os governos das nações desenvolvidas concedem subsídios para custear parte da produção agrícola. Esses subsídios tornam a produção inviável em muitos países, já que não tem a ajuda governamental, não tem como concorrer com os preços dos subsidiados. Assim, muitos produtores optam pela produção de outros alimentos em detrimento do milho ou arroz, por exemplo. Por outro lado, as nações desenvolvidas, exigem a liberação dos mercados dos países em desenvolvimento, desestruturando a soberania alimentar dos mesmos.

A maioria dos jornais e revistas consultada atribui com maior destaque os motivos elencados acima como possível explicação da alta dos preços dos alimentos. Mas, além destes fatores apresentados pela imprensa, podemos mencionar outros não menos importantes, que são ocultados ou não destacados como a especulação financeira e as políticas neoliberais.

## **A especulação financeira**

Um dos principais fatores que permanece praticamente oculto na grande imprensa, é a especulação financeira nos mercados agrícolas através das commodities. A crise imobiliária nos Estados Unidos, ponta do iceberg da atual crise do mercado financeira global levou a migração dos investidos a especularem nos mercados de Commodities (ROMANO, 2008, p.10).

Vários acadêmicos, militantes de movimentos sociais e organizações não governamentais afirmam que a alta dos preços verificada nos últimos anos é resultado, em grande parte da manipulação dos mercados, através do capital financeiro e especulativo (bancos, fundos de pensão, fundos de alto risco e rendimentos), investe nas bolsas de contratos de futuro dos cereais e outros alimentos, as chamadas, commodities. Com o estouro da bolha artificial do mercado imobiliário dos Estados Unidos, se aprofundou a crise financeira e a busca de oportunidades de investimentos fez descobrir as bolsas de alimentos. Atraído pela volatilidade, já que lucram tanto nas altas como nas baixas (não existem leis que regulamentam estes mercados especulativos, o que impera é o livre mercado). Até 2008, o capital especulativo injetou 70 bilhões de dólares extras nos preços das commodities, inflando uma bolha que eleva artificialmente o preço dos alimentos, principalmente nos países importadores, e os coloca fora do alcance de milhões de pessoas. E, enquanto a bolsa entra em seu inevitável colapso, quebra milhões de agricultores no mundo inteiro, como já se observam os primeiros sinais com o agravamento da crise imobiliária, nos Estados Unidos (ROSSET, 19 mai. 2008).

Conforme afirma Jorge Romano: “Articulado com as empresas transnacionais que controlam a comercialização de sementes e a distribuição mundial de cereais, o capital financeiro investe no mercado de futuros, na expectativa de que os preços continuarão a subir. E, ao fazê-lo, reforça essa expectativa” (ROMANO, 2008, p.10).

Até pouco tempo, o mercado agrícola era regulado pela oferta e procura, nos últimos anos, perdeu-se essa formação básica e a volatilidade dos preços que era de 20% agora com a especulação chegou a 50%. Um exemplo é a soja: no ano de 2007, o mercado registrou os maiores estoques da história e, mesmo assim, os preços explodiram. O mercado futuro chega a negociar 22 safras de soja por ano, muito além do que é produzido (ROMANO, 2008, p.11).

No Brasil, as transações agrícolas se dão através da BM&F Bovespa de São Paulo, que vem duplicando anualmente as operações.

A atual crise alimentar e, a conseqüente fome por ela gerada, deve ser entendida, segundo Boaventura de Sousa Santos pela interpretação de que “O que há de novo na fome do século XXI diz respeito não só as causas, mas principalmente ao modo como as principais delas são ocultadas. A diluição da responsabilidade pela especulação é claro e perigoso exemplo. **A fome é a nova fonte de lucros do capital financeiro**” (ROMANO, 2008. p.11). (grifo nosso)

Portanto, tal análise nos faz refletir que o problema não é a falta de alimentos no mundo, mas a impossibilidade de acesso a eles por parte de milhões de pessoas. Essa contradição faz parte de uma lógica perversa do capital que privilegia os lucros em detrimento da condição humana.

### **Três décadas de acordos de livre comércio e políticas neoliberais.**

Segundo Peter Rosset, do Centro de Estudos para a mudança do Campo Mexicano (CECAM), as três décadas de acordos de livre comércio e políticas neoliberais, desmantelaram a capacidade da maioria dos países de produzirem o seu próprio alimento, enquanto promoviam a produção para exportação e o crescimento de empresas transnacionais. Em conseqüência, muitos países em desenvolvimento que eram auto-suficientes em alimentos básicos, atualmente são importadores desses produtos (ROSSET, 20 mai. 2008 acesso em 15 nov. 2008).

Políticas de livre mercado aplicadas à agricultura e impostas pelo FMI, Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio, destroem a agricultura familiar, principal responsável pela produção de alimentos, e coloca em risco a segurança alimentar de sua população. Chossudovsky nos dá alguns exemplos do que ocorreu em países africanos.

“El libre mercado aplicado a la agricultura, impuesto por el FMI y el Banco Mundial destruye las producciones campesinas y socava la seguridad alimentaria. Malawi y Zimbabwé eran em algún momento países prósperos com uma producción de granos excedentaria respecto del nivel de consumo de su gente. Ruanda era virtualmente autosuficiente em alimentos hasta 1990 cuando las políticas del FMI le hicieron abrir los mercados a los granos subsidiados, con políticas inmorales de dumping que llevaron a todos sus pequeños productores a la ruina. Em los años 91/92 el hambre golpeó Kenia, el país más exitoso del este da África em lo respecta a producción de trigo.

Pero claro, poço antes a su gobierno lo habían puesto em la lista negra por no querer someterse a lãs condiciones del fondo. Porque la desregulación y apertura a lãs importaciones de granos era uma condición puesta para renovar y reprogramar la deuda externa com sus acreedores del Club de Paris” ( CHOSSUDOVSKY, 2008. p.6).

Poucas e grandes empresas transnacionais controlam o mercado de grãos, desde a produção até a comercialização dos principais produtos. Uma empresa gigante como a Cargill, tem mais de 140 filiais ao redor do mundo, controla uma parte importante do comércio de grãos. Com as regras de livre mercado, os gigantes do agronegócio obtiveram liberdade para penetrar nos mercados de sementes dos países em desenvolvimento. Essas empresas introduzem as sementes geneticamente modificadas (GMO), da qual possuem o direito sobre elas. Essas sementes tornaram os agricultores dependentes dessas empresas e romperam com o ciclo natural da agricultura que permitia aos agricultores guardar suas sementes orgânicas para o plantio (CHOSSUDOVSKY, 2008, p. 5-6).

Portanto, nas últimas décadas vimos o avanço das políticas neoliberais no campo e das empresas transnacionais sobre todos os aspectos da agricultura e do sistema alimentar em praticamente todo o mundo. As sementes, a venda de agrotóxicos, a compra da colheita, o processamento dos alimentos, e a venda ao consumidor, tudo isto está em mãos de um reduzido número de empresas (Via Campesina, 27 out. 08).

### **Os possíveis impactos da crise alimentar no Brasil**

O Brasil é um dos principais exportadores de alimentos do mundo, tendo os produtores de commodities se beneficiado das recentes alta dos preços dos alimentos e, além disso, a sua produção de alimentos é suficiente para abastecer as mesas brasileiras, a população pobre não está salvo da atual carestia, que já reflete no índice de inflação do país. No primeiro semestre de 2008, os alimentos contribuíram com 6,4% de aumento no índice, contra 2,81% no ano anterior. O aumento dos preços observados nos últimos anos atingiu, sobretudo as classes mais pobres da população.<sup>6</sup>

<sup>6</sup>Uma pesquisa encomendada pela BBC, ouviu 809 pessoas em oito capitais brasileiras, entre os dias 10 de julho e 21 de agosto de 2008. A pesquisa mediu o quanto a alta dos preços dos alimentos tem afetado a vida dos brasileiros. “Entre os ouvidos, 77% disseram muito afetados pelo aumento dos preços, 14% afetados, 5% um pouco afetados e 3% não afetados. Apesar de a maioria sentir os efeitos da alta no bolso, 53% dos brasileiros pesquisados disseram não ter mudado seus hábitos alimentares por causa disso. Outros 47% afirmaram ter mudado suas dietas, e 31% declararam estar comendo menos”. (FOLHAONLINE, 16 out. 2008, acesso em 13 nov.2008).

No Brasil, a falta de uma linha oficial de pobreza permite que o número de pobres ou miseráveis varie dentro de órgãos do próprio governo. O Programa Bolsa Família considera miseráveis famílias com renda mensal de até R\$ 60 por pessoa. O IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) classifica como miseráveis as famílias com renda mensal inferior a um quarto do salário mínimo, situação na qual se encontram 21,7 milhões de brasileiros (FOLHA, 18 de nov. 2008).

Segundo Velloso “O êxodo rural e a falta de trabalho nas cidades gerou uma situação de pobreza que alcança mais de um quarto da população brasileira e dissemina-se por todas as regiões e áreas do Brasil, afligindo principalmente, a população do Norte e Nordeste e, mais particularmente, a população rural dessa última região” (VELLOSO e ALBUQUERQUE, 2004. p. 93)

Além de atingir essas regiões e, sobretudo, o meio rural, uma nova pobreza emerge, principalmente, nas áreas metropolitanas e atingem as grandes cidades. Como, por exemplo, ocorre “na cidade de Deus”, comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro, 10% das crianças de 0 a 5 anos estão desnutridas. Nos municípios nordestinos que fazem parte do polígono da seca, 6.6% das crianças de 0 a 5 anos se encontram na mesma situação (Ação Nacional, 22 ago.2008).

Segundo a FAO, “o número de famintos está diminuindo no Brasil, um dos únicos países que conseguiu superar as metas de combate à fome, determinadas cinco anos atrás”. Os dados da FAO mostram que há cerca de 21 milhões de famintos no Brasil e reconhece que a diminuição da fome no país é resultado de ações e programas sociais do governo federal e parceiros nos últimos anos. “Os dados que mais despertaram interesse da instituição foram as 11,1 milhões de famílias que recebem o Bolsa Família, o total de 36,3 milhões de jovens com merenda escolar, os quase 2 milhões de pequenos agricultores com acesso a crédito e as 150 mil famílias que passaram a desfrutar de cisternas” (FAO, 2008)

O ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassol, afirmou em entrevista à Folha de São Paulo, que a crise de alimentos atingiu o Brasil, mas num grau menor em relação aos demais países. Enquanto os preços agrícolas internacionais subiram 83% nos últimos meses, a cesta básica

brasileira subiu 25% no mesmo período. Cassel afirmou ainda que o Brasil está conseguindo enfrentar a crise devido ações governamentais:

“O Brasil está conseguindo enfrentar a crise dos preços agrícolas por causa de um vigoroso setor de agricultura familiar, que produz 70% dos alimentos consumidos pelos brasileiros e pelas brasileiras. Desde 2003, desenvolvemos uma estratégia de fortalecimento dessa agricultura, com políticas públicas de crédito, seguro agrícola, assistência técnica e extensão rural. Ao mesmo tempo desenvolvemos e estruturamos uma política nacional de segurança alimentar articulada em torno do Fome Zero” (Folha, 04 mai. 2008).

Ao contrário do que o ministro apresenta, desde meados da década de 1990, abandonou-se as políticas sociais universais e, a partir da definição de uma linha de pobreza pelo Estado brasileiro, elencou-se os grupos que seriam destinados as políticas sociais compensatórias, assim, os mais pobres entre os pobres do Brasil seriam o alvo destes programas sociais, produzindo um colchão social, para amenizar a pobreza. No Brasil, as tentativas orientadas para a “humanização do capitalismo” são perversas, por enganarem o povo com a cumplicidade de forças e partidos considerados progressistas (RODRIGUÊS, 2008, P.11).

Os programas sociais como Bolsa Família possibilitam aos seus beneficiados aumentar a variedade de alimentos consumidos. No entanto, pesquisas recentes vinculadas na imprensa demonstram que tal programa aplaca a fome, mas não permite às famílias sair da situação de pobreza. A distribuição de renda com programas assistenciais do governo melhorou os índices de desnutrição infantil, principalmente no Nordeste do país. Mas, o Bolsa Família<sup>7</sup> (implantado no Governo Lula) não conseguiu beneficiar toda a população com insegurança alimentar.<sup>8</sup>

Os protestos que aconteceram no Brasil em 2008, foram de iniciativa da Via Campesina e da Assembléia Popular<sup>9</sup>. Esses protestos foram realizados, principalmente no dia 16 de outubro de 2008, considerado pela ONU como o Dia Mundial da Alimentação. Nesse dia em doze estados aconteceram protestos, que tinham por objetivo denunciar a responsabilidade do

<sup>7</sup> Programas de transferência de renda já existem no Brasil desde 1995. Nesta data o então governador do Distrito Federal começou o Bolsa Escola, que garantia renda às famílias que mantivessem seus filhos na escola. No governo FHC foram criados programas com a mesma finalidade com validade para todo o país.

<sup>8</sup> Insegurança Alimentar: 1- Insegurança leve: deficiência em qualidade dos alimentos e a preocupação que falte alimentos. 2- Insegurança Moderada e grave: quando há restrições importantes da quantidade dos alimentos.

<sup>9</sup> Assembléia Popular é um espaço de articulação de movimentos sociais urbanos, comunidades locais, pastorais, igrejas, sociedade civil e redes de organização popular.

agronegócio e das empresas transnacionais da agricultura pela elevação dos preços dos alimentos e a se posicionar em defesa da soberania alimentar e da pequena agricultura.

Os protestos aconteceram em forma de marchas, liberação de cancelas em praças de pedágio, distribuição de alimentos produzidos em assentamentos de reforma agrária, acampamentos em praças e atos de protesto em frente à grandes redes de supermercados. Em alguns lugares foram realizados seminários sobre a crise dos alimentos (MST, 16 out. 2008).

Segundo José Graziano, a América Latina produz em torno de 40% mais alimentos do que seria necessário para alimentar toda a população. O que falta é melhor distribuição de renda, para que esses produtos cheguem aos consumidores de baixa renda. Segundo ele, a atual crise alimentar preocupa, não pela falta de produção, mas pela elevação dos preços que atingiu os países da América Latina entre eles o Brasil. (SILVESTRE, 03 jun. 2008).

### **A crise alimentar no entendimento do MST e da Via Campesina.**

A Via Campesina foi criada em 1992, é um movimento internacional que congrega diversas organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres rurais e comunidades indígenas e negras da África, Ásia, América e Europa. “Tem como objetivo a construção de um modelo de desenvolvimento da agricultura, que garanta soberania alimentar como direito dos povos de definir sua política agrícola, bem como a preservação do meio ambiente, o desenvolvimento com socialização da terra e da renda” (FERNANDES, 2001) No Brasil, diversos movimentos estão vinculados à Via campesina: O Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra – MST; Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB; Movimento dos Pequenos agricultores – MPA, Comissão Pastoral da Terra – CPT e Associação Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais – ANMTR.

Existem no Brasil, 68 movimentos de sem terra, catalogados no NERA (Banco de Dados do Núcleo de Estudos, pesquisas e Projetos de Reforma Agrária, coordenado pelo professor Bernardo Mançano Fernandes da Unesp). Dentre os movimentos que lutam pela terra no Brasil, o MST é o que possui maior visibilidade, aproximadamente 50% das ocupações são de iniciativa desse movimento. O MST emergiu no final dos anos 70, e foi constituído em

1984 durante o 1º Encontro Nacional dos Sem – Terra, em Cascavel, Estado do Paraná, quando se formalizou como um movimento nacional.

O MST e a Via Campesina defendem o mesmo entendimento para a alta dos preços dos alimentos. Enquanto os partidários da globalização neoliberal justificam a crise como resultado da escassez de produtos e asseguram que, a melhor forma de sair da crise é evitar intervenção dos governos nos mercados e aumentar a produção a partir do uso de sementes modificadas geneticamente, esses movimentos (MST e Via Campesina), defendem que a crise é resultado de décadas de políticas destrutivas, a globalização de um modelo agrícola neoliberal.

Para o MST, o agronegócio é o neoliberalismo na agricultura. Uma aliança entre os grandes fazendeiros capitalistas, que produzem para exportação, com as empresas transnacionais que controlam o comércio agrícola internacional, as sementes, agrotóxicos e a agroindústria. Monsanto, Bunge, Cargill, ADM, Basf, Bayer, Syngenta, Novartis, Nestlé e Danone são empresas transnacionais que atuam no Brasil.

João Pedro Stédile, dirigente do MST e da Via Campesina no Brasil, assim definiu o agronegócio: “Esse modelo propaga e implementa diversas características, como: estímulo às grandes fazendas modernizadas, com grandes extensões de terra, que usam intensamente os agroquímicos e os agrotóxicos. Dedicam-se à monocultura e produzem prioritariamente para exportação. Resultado: sua natureza expulsa mão-de-obra, em busca de alta produtividade, e aos poucos empregados, paga os mais baixos salários do mercado brasileiro”. Em 2005, 300.000 trabalhadores rurais assalariados perderam o emprego no campo e foram para as periferias das cidades em busca de trabalho, enquanto isso, a concentração da propriedade da terra continuou aumentando (Caros Amigos, 2006. p. 17).

Para o MST, a crise mundial de alimentos demonstra a necessidade de construir um novo modelo agrícola, baseado na soberania alimentar. “podemos definir Soberania Alimentar como o direito dos povos de decidir sobre sua própria política agrícola e alimentar... supõe o acesso à terra e a disponibilidade de créditos públicos para que os(as) camponeses(as) tenham a possibilidade de produzir e vender seus produtos a um preço justo” ( Rede Social, 2008 p.1).

O MST, vinculado à Via Campesina defende, que cada povo tem o direito de produzir seu próprio alimento e, por isso, o Brasil deve romper com o domínio das transnacionais que buscam atender o mercado internacional para obter fabulosos lucros. Faz uma crítica também ao Banco Mundial e a OMC (Organização Mundial do Comércio) por introduzir o neoliberalismo no campo, priorizando produtos de agroexportação, como soja e cana-de-açúcar. Estas organizações, ao incentivarem a monocultura em grandes extensões de terras, causam prejuízos à agricultura camponesa, responsável pela produção de alimentos, principalmente nos países pobres.

Para amenizar as desigualdades sociais no campo, o MST acredita que é preciso resolver o problema da concentração de propriedade, através da realização da Reforma Agrária; nesse sentido é necessário realizar desapropriação de terra, de forma rápida e regionalizada e distribuí-la a 4,5 milhões de famílias sem-terra em todo o Brasil.

Significa criar condições para que o camponês assentado tenha acesso a capital. Capital, em resumo, significa meios de produção acumulados. Ou seja, tenham acesso a crédito subsidiado, para que possam não só desenvolver a produção agrícola, mas também consigam instalar suas próprias agroindústrias, seus mecanismos de acesso a mercado e a comercialização, enfim, que se democratize também a propriedade dos demais meios de produção e comercialização. Daí nossa proposta de cooperativas nas agroindústrias e na comercialização, porque é impossível o camponês individualmente ter sua agroindústria ou controlar o comércio. (STÉDILE; FERNANDES, 2005, p.160).

O Estado deve aplicar políticas públicas para a infra-estrutura e assistência técnica em assentamentos e pequenas propriedades, que atualmente são responsáveis por 70% da cesta básica brasileira, garantindo assim a soberania alimentar. O próprio ministro da agricultura, Reinhold Stephanes, afirmou que o Brasil é o país que melhor reúne condições para enfrentar as questões centrais da agricultura brasileira, “no Brasil há 90 milhões de hectares para serem incorporados à agricultura. É terra suficiente para assentar todas as famílias de sem-terra do nosso país” (MST, 06 ago. 08).

A ONU definiu o dia 16 de outubro como o Dia Mundial da Alimentação. Nesse dia, aconteceram protestos por soberania alimentar, em 12 estados do Brasil. Uma iniciativa da Via campesina, mas que contou com a participação de diversos movimentos sociais.

“A Via Campesina e a Assembléia Popular fizeram protestos em 12 estados para denunciar a responsabilidade do agronegócio e das empresas transnacionais da agricultura pela elevação dos preços dos alimentos e em

defesa da soberania alimentar e da pequena agricultura, nesta quinta 16/10” (MST, 16 out. 08).

Os movimentos sociais realizaram os protestos para denunciar e responsabilizar o agronegócio e as empresas transnacionais de agricultura pela alta nos preços dos alimentos. “Os produtos agrícolas passaram a ser commodities, que agora são vendidas nas bolsas de valores em ações. Grandes especuladores controlam 60% do trigo, por exemplo. A alta do preço dos produtos agrícolas tem origem na especulação financeira. Esses produtos são vendidos a seis vezes mais caros nas bolsas, sem em muitos casos existirem”, afirmou Egídio Bruneto coordenador da Via Campesina. (FOLHAONLINE, 16 out. 2008).

A Via Campesina defende que a soberania alimentar proporciona meios de subsistência a milhões de pessoas, é necessário uma mudança radical, um novo modelo de agricultura, baseado na agricultura familiar sustentável e em pequena escala. E isso se faz com uma ampla reforma agrária, como instrumento para eliminar a pobreza e promover o desenvolvimento da sociedade.

Segundo vários autores a atual crise financeira mundial é estrutural, inerente ao capitalismo. A crise iniciada no sistema financeiro, alastrou-se para a economia real. Segundo Miguel Urbano Rodrigues ela tende a agravar-se muito e, seu desfecho é imprevisível. As medidas tomadas pelos governos para salvar o setor financeiro da economia ao custo de milhares e milhões de dólares, são paliativos. A economia nos EUA, no Japão e na União Européia vai continuar a afundar-se em proporções imprevisíveis. Essa crise é de muito longa duração.

As suas conseqüências atingem principalmente a classe trabalhadora e milhões de pessoas que vivem em situação de insegurança alimentar. Assim entendemos que a crise mundial e a crise alimentar demonstram os limites do capitalismo, num mundo contraditório onde temos superprodução de mercadorias, enquanto milhões de pessoas estão na pobreza, com insuficiência ou sem renda para ter acesso aos produtos alimentícios. Para Rodriguês, diante dessa crise “[...] os grandes movimentos de massa devem surgir, principalmente nos países da União Européia e nos Estados Unidos” (2008 p.1).

Em 2008, aconteceram violentos conflitos em mais de 30 países, devido à alta dos preços dos alimentos. No Brasil, aconteceram protestos que foram organizados pela Via Campesina e Assembléia Popular.

Segundo Mézáros, não pode haver saída para as contradições do capitalismo sem mudar radicalmente o modo de produção social, através de práticas responsáveis, orientadas pela necessidade humana, ao invés do desumanizante e degradante lucro. “Apenas uma mudança sistêmica radical pode proporcionar a esperança historicamente sustentável e a solução para o futuro” (MÉSZÁROS, 2008. p. 10).

A alimentação é um direito fundamental do ser humano e os governos têm a responsabilidade de garantir a segurança alimentar para que seu povo seja bem alimentado. Além disso, é necessário medidas de emergência para aqueles que estão em situação crítica e, a realização de reformas agrárias que incluam todo um sistema de apoio aos agricultores, e técnicas agrícolas que promovam a qualidade do ambiente. A atual crise alimentar mundial revela as relações de poder econômicas e políticas muito desiguais dentro e entre os países. Um sistema alimentar sustentável e seguro exige uma relação de mais igualdade entre os países.

É indispensável, numa democracia, a participação dos movimentos sociais, entre eles, os movimentos dos trabalhadores rurais e camponeses, no processo de definição de políticas agrícolas e alimentares.

## **SUGESTÕES DE ATIVIDADES**

As atividades 1 e 2 podem ser aplicadas com alunos de Ensino Médio e séries finais do Ensino Fundamental, a atividade 3 é mais direcionada ao Ensino Fundamental.

### **Atividade 01**

Trabalho em grupo: (pesquisa, debate, painel):

- Dividir a turma em grupos de 3 ou 4 alunos.

- Buscar na imprensa – jornais, revistas, noticiários de TV, artigos e reportagens na internet, informações sobre a crise alimentar mundial e sua repercussão no Brasil.
- Os alunos deverão socializar com o grupo as informações coletadas.
- Discussão do tema e produção de texto sobre as conclusões do grupo.
- Exposição das conclusões dos grupos e debate.
- Após o debate, organize na escola um mural coletivo, contendo as conclusões do debate em pequenos textos ou frases, além de imagens, reportagens, charges, etc.

## **Atividade 02**

Leia os seguintes depoimentos sobre a crise alimentar e responda as questões:

### **DEPOIMENTO 01**

“Os investimentos em agricultura entre 1980 e 2006 caíram de 17% para 3%, enquanto a população mundial ganhou durante esse tempo mais 78,9 milhões de pessoas por ano. Paralelamente, os biocombustíveis privaram o mundo de 100 milhões de toneladas de cereais como o milho e o trigo, que poderiam servir para alimentar seres humanos, ressaltou”.

- Jacques Diouf – diretor Geral da Agência da Onu para Agricultura e Alimentação (FAO). ( AFP, 15 de out. 08).

### **DEPOIMENTO 02**

“Mesmo que os programas de retomada agrícola sejam extremamente importantes, a urgência hoje é tratar as 55 milhões de crianças que sofrem de desnutrição”.

- Caroline Wilkinson, da Ação Contra a Fome. (AFP, 15 out. 08).

### **DEPOIMENTO 03**

“Realmente, o que prejudica a produção de alimentos nos países pobres, vamos ser claros, é a existência de subsídios e barreiras nos países ricos”.

- Celso Amorim – Ministro das Relações Exteriores (Folha de São Paulo, 19 abr. 08).

### **DEPOIMENTO 04**

“É preciso debater os motivos reais do aumento no preço dos alimentos, mostrando que há beneficiados com os prejuízos da população. Ao contrário do que parece, o aumento do preço não é repassado ao agricultor, responsável pela produção de comida, mas sim às transnacionais do setor, especuladores, e o agronegócio... o mercado ainda incentiva a produção de monoculturas de celulose e de agrocombustíveis, que substituem a área plantada de alimentos, degradam o meio ambiente e impedem a reforma agrária”.

- (MST, 15 out. 08).

#### **DEPOIMENTO 05**

“Estes aumentos especulativos, seriam resultado do capital financeiro (bancos, fundos de pensões, fundos de alto risco e rendimento) ter começado a investir fortemente nos mercados internacionais de produtos agrícolas depois da crise no setor imobiliário. Articulado com as empresas transnacionais que controlam a comercialização de sementes e a distribuição mundial de cereais, o capital financeiro investe no mercado de futuros na expectativa de que os preços continuarão a subir. E, ao fazê-lo, reforça essa expectativa”.

- Boaventura de Souza Santos (Romano, 2008 p.10)

#### **DEPOIMENTO 06**

“Produzir mais comida não aliviará a fome daqueles que não têm poder aquisitivo para comprar os alimentos que estão disponíveis”.

- Oliver Schutter – relator especial da ONU para o Direito à Alimentação. (Folha, 10 set. 08).

#### **DEPOIMENTO 07**

“O neoliberalismo, relegou a agricultura camponesa – responsável pela produção de alimentos – para um segundo plano. Créditos e financiamentos mais escassos, inexistência de seguro agrícola e de benefícios sociais e o sucateamento da assistência técnica pública para o campo, serviu de receita eficiente para arruinar a agricultura camponesa”.

- (MST, 29 jul. 08).

**DEPOIMENTO 08**

Segundo o relator especial da ONU sobre o Direito à Alimentação, Jean Ziegler, a produção em massa de biocombustíveis representa um “crime contra a humanidade”. (Folha, 19 abr. 08).

**DEPOIMENTO 09**

Vários fatores contribuem para a alta dos preços dos alimentos: aumento do consumo em países como a China e Índia; aumento da produção de biocombustíveis; especulação nos mercados financeiros, aumento dos preços do petróleo; subsídios agrícolas na Europa e Estados Unidos; baixo nível de estoques mundiais e perdas de colheita em grandes países produtores, por fatores climáticos como secas e inundações. (FAO, 09 ago. 08).

**A partir da leitura dos depoimentos, responda as seguintes questões.**

- 1- Faça uma lista das causas do aumento dos preços dos alimentos segundo os depoimentos.
- 2- Que depoimentos citam os biocombustíveis como responsável pela alta nos preços dos alimentos. Justifique
- 3- Na sua opinião, qual ou quais depoimentos melhor explicam a alta dos preços? Justifique
- 4- Que depoimentos defendem a necessidade de reforma agrária e apoio ao pequeno produtor? Justifique
- 5- Por que de acordo com o depoimento 06 “produzir mais comida não aliviará a fome”? Justifique
- 6- Segundo os representantes da Onu quais são os principais fatores responsáveis pela crise alimentar?
- 7- Atualmente 925 milhões de pessoas passam fome no mundo, a cada 5 segundos morre uma criança. Na sua opinião, o que poderia ser feito a curto e longo prazo para resolver essa situação?

**Atividade 03**

Análise e ilustração da música “Meu país” de Zezé di Camargo & Luciano. Está atividade poderá ser realizada após estudo da crise alimentar.

Obs: Devido aos direitos autorais publicamos apenas parte da música. A letra na íntegra pode ser encontrada na internet, uma boa opção é [www.vagalume.com.br](http://www.vagalume.com.br). Além da letra você encontra nesse endereço um clip da música com impressionantes imagens sobre a fome.

### MEU PAÍS

Aqui não falta sol,  
aqui não falta chuva.  
A terra faz brotar qualquer semente.  
Se a mão de Deus protege e molha o nosso chão, por que será que  
está faltando pão?  
[...]  
se nessa terra tudo que se planta dá,  
o que é que há minha gente, o que é que há?  
Tem alguém levando lucro,  
Tem alguém colhendo o fruto  
Sem saber o que é plantar.”

*(Zezé di Camargo & Luciano)*

- 1- Ouvir a música em sala de aula, acompanhando a letra.
- 2- Levantar questionamentos buscando relacionar a crise alimentar com o conteúdo da música.
- 3- Dividir os alunos em grupos, cada grupo será responsável pela ilustração de uma parte da música. A ilustração pode ser realizada com desenhos, figuras, fotos, etc.
- 4- Expor as ilustrações em mural, observando a seqüência da música.

### SUGESTÕES DE SITES:

- <http://www.fao.org.br/>
- <http://www.midiaindependente.org>
- <http://www.fomezero.gov.br>
- <http://www.vagalume.com.br>

- <http://www.bbc.co.uk/portuguese/>
- <http://www.folha.uol.com.br/>
- <http://www.mst.org.br/mst/home.php>

## REFERÊNCIAS

Alta dos alimentos é fardo para 60% da população mundial. **FOLHAONLINE**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u457084.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 08

As políticas da via camponesa. **Rede social de justiça e direitos humanos**. Disponível em: <[http:// www.social.org.br/cartilhas/cartilha003/](http://www.social.org.br/cartilhas/cartilha003/) cartilha012.htm>. Acesso em: 22 ago. 08

BALSADI, Otavio Valentin. **Transformações tecnológicas e a força de trabalho na agricultura brasileira no período 1990 – 2000**. Agricultura em São Paulo: Revista da Economia Agrícola, v. 49, n. 1, p. 23-40, 2000.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CASSEL, Guilherme. O Brasil e a Crise Mundial de alimentos. **Folha de São Paulo**, São Paulo. Disponível em: <[http://www.emr.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1890&itemid=397](http://www.emr.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1890&itemid=397)>. Acesso em 01 dez. 08

CHESNAIS, François. **Esta crise exprime os limites históricos do capitalismo**. Disponível em: <<http://resistir.info/>>. Acesso em 3 dez. 08.

CHOSSUDOVSKY, Michel. **Hambre Global**. **Global Research**. 2008.

**FAO divulga documento com lições sobre o Fome Zero**. Disponível em: <<http://www.fomezero.gov.br/noticias/fao-divulga-documento-com-licoes-sobre-o-fome-zero>>. Acesso em 07 ago. 08

FAO e Ação cidadania divergem sobre fome no Brasil. **BBC Brasil.com**. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020610\\_donmss.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/020610_donmss.shtml)>. Acesso em 07 ago. 08

FERNANDES, Bernardo Mançano; STÉDILE, João Pedro. **Brava Gente: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. 3. ed. São Paulo, Perseu Abramo, 2005.

FMI vê conflitos por alimentos. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 19 abr. 08. Dinheiro B3

FOME. **Revista Veja**. [ s.n.t.], acesso em 6 out. 08.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro, 2001, vol. 12. (caderno 11).

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX 1914 – 1991**. 2. ed. São Paulo, Schwarcz, 1995.

LAUREANO, Delze dos Santos. **O MST e a constituição: um sujeito histórico na luta pela Reforma Agrária no Brasil**. 1. ed. São Paulo. Expressão Popular, 2007.

MAGDOF, Fred. **Crise alimentar mundial: Causas e soluções**. Disponível em: <[http://resistir.inf/crise/food\\_crisis\\_mai08\\_p.html](http://resistir.inf/crise/food_crisis_mai08_p.html)>. Acesso em 30 out. 08

Maioria no Brasil diz que governo não fez suficiente contra alta dos alimentos. **FOLHAONLINE**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u457069.shtml>>. Acesso em 13 nov. 08

MÉSZÁROS, István. **A crise em desdobramento e a relevância de Marx**. Disponível em <<http://resistir.info/>>. Acesso em 03 dez. 08.

MUSTO, Marcelo. Crise do capitalismo e a importância atual de Marx. **Brasil de Fato**. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/entrevistas/a-crise-do-capitalismo-e-a-importa>. Acesso em 06 dez. 08.

No Dia Mundial da Alimentação, FAO defende a agricultura familiar. **AFP**. Disponível em <<http://alp.google.com/article/AleqM5gl7ufp5F7sPLB9KDNzP2i8yAQXOA>>. Acesso em 30 out. 08.

O lucro do capital com a fome. **REVISTA SEM TERRA**. Jun. – jul. 08. Disponível em: <[http://www.mst.org.br/mst/revista\\_página.php?ed=72&cd=5649](http://www.mst.org.br/mst/revista_página.php?ed=72&cd=5649)>. Acesso em 06 ago. 08

ONU afirma que preço dos alimentos continuarão altos por vários anos. **FOLHAONLINE**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u443446.shtml>>. Acesso em 10 set. 08

**Perguntas mais frequentes sobre a crise dos alimentos**. Disponível em: <[http://www.fao.org.br/faq\\_alimentos.asp](http://www.fao.org.br/faq_alimentos.asp)>. Acesso em 09 ago. 08

Por falta de definição, número de miseráveis varia dentro do governo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 18 nov. 07.

Posição da via campesina sobre agro-combustível. **CMI Brasil**. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/03/374895.shtml>>. Acesso em 13 nov. 08

Protestos por soberania alimentar acontece em 12 estados. **MST**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/mst/listagem.php? Palavras =protestos+ por+ soberania+ alimentar>>. Acesso em 06 out. 08.

RODRIGUÊS, Miguel Urbano. Com a crise lutas sociais tendem a se intensificar. **Brasil de Fato**. 299. ed. 20-26 nov. 2008.

ROMANO, Jorge. A fome que dá lucro. **Le Monde Diplomatique Brasil**, [S.L.] p. 10 -11.

ROSSET, Peter. **A crise alimentar**: Discussão com Peter Rosset. Disponível em: <<http://www.Landaction.org/spip.php?article309>>. Acesso em: 15 nov. 08

SILVESTRE, Thiago. **Crise alimentar não atingirá o Brasil, diz representante da FAO**. Disponível em: <http://www.revistameioambiente.com.br/2008/06/03/crise-alimentar-nao-atingira-o-brasil>>. Acesso em: 01 dez. 08

STÉDILE, João Pedro. A sociedade deve decidir o modelo agrícola para o país. **Caros amigos**, n 109, abr. 06 p. 17.

VELLOSO, João Paulo dos Reis; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. **A nova geografia da fome e da pobreza**. Rio de Janeiro. José Olympio, 2004.

VIA CAMPESINA. **Linhas Políticas**. [s.n.t.].

WENTZEL, Marina; SAN JUAN, Marta. Sinal de alerta. **Horizonte Geográfico**, 118. ed. 2008 p. 34-35